Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo da FAC www.unb.br/fac/campus + campus@unb.br Universidade de Brasília

Campus

257 :: segunda quinzena de maio de 2001 - FAC- UnB

UnB (A)PAGA O PATO

A Universidade de Brasília fez, nos últimos quatro anos, a lição de casa que só agora o Governo Federal passou para todos os brasileiros: economizar energia. Uma das iniciativas foi a troca de fiação, tubulação, reatores e luminárias em mais de 50 salas do Instituto Central de Ciências, o que representou uma economia de quase 30% do consumo anterior.

Mas o bom comportamento não é garantia de quilowatts a mais. A porcentagem de economia determinada pelo Governo será calculada com base em maio, junho e julho do ano passado, quando a universidade já havia reduzido despesas. Só no mês de maio, será necessário economizar 15% do valor médio de quilowatts, que foi de 1 milhão de kwh/mês - R$ 243 mil - o suficiente para abastecer uma cidade de 45 mil habitantes. Para buscar soluções, a reitora em exercício, Ana Maria Fernandes, nomeou uma Comissão Emergencial. Ainda assim, há o risco de a UnB ficar no escuro como o resto do país. Em um piscar de luzes, pesquisas podem se perder e aulas serem suspensas.

Continua na página 4



Em caso de apagão na UnB, 30 lâmpadas de emergência movidas a bateria iluminariam a saída dos prédios por três horas

Daniel Reis

UNIVERSIDADES GARIMPAM RECURSOS

Não é fácil manter uma universidade. Para se sustentar, a UnB precisa anualmente de R$ 430 milhões, o que corresponde a 14 vezes a receita de uma cidade como Paracatu (MG). Desse dinheiro, R$ 293 milhões são repassados pelo Tesouro Nacional. O resto vem de recursos gerados pela própria universidade. Este dinheiro é usado na manutenção do campus universitário e no investimento em infra-estrutura e qualidade de ensino.

A busca de recursos fora da universidade não é privilégio da UnB. Outras universidades públicas vêem isso como única forma de manter um ensino de qualidade. Em países como Japão e Estados Unidos a captação está tão arraigada na cultura acadêmica, que as instituições criaram órgãos especializados em arrecadação.

O que acontece é que o governo brasileiro não tem mais condições de financiar 100% das instituições públicas de ensino superior. E é aí que entra a política de incentivo a captações e parcerias com o setor privado. Apesar de corresponder ao orçamento, a arrecadação própria mostra que a universidade auto-sustentável há muito deixou de ser um sonho distante para ser tornar algo concreto.



Só a construção civil deve gerar R$ 30 milhões para a UnB neste ano

Página 3

Eleições

Campanha morna

A campanha das eleições para reitor começou tímida. O uso do carro de som foi proibido. As divulgações só são permitidas dentro do campus, nada de utilizar meios de comunicação externos. Quase tudo foi proibido pelas normas da Comissão Organizadora da Consulta (COC). Só a partir do primeiro debate entre os três concorrentes, no dia 24, é que a disputa começou a esquentar. Houve apitaço, balões, vaias e aplausos. Além das divergências entre os adversários, alunos de Educação Física interromperam o debate, num protesto contra a falta de segurança no campus. No dia 2 de junho, os três voltam a se encontrar em debate, ao vivo, na *TV Comunitária*.

Página 5

Leia também

Reforma Curricular

Alunos da Faculdade de Direito entram com ação na justiça contra mudanças no currículo. Na UnB, oito cursos estão sendo reformulados com base nas novas diretrizes do Ministério da Educação. Outros sete cursos finalizaram o processo. Na Geologia, os alunos vêem a reforma com bons olhos.

Página 4

Talento

Ele é ator, negro e está se projetando por meio da comédia. Não estamos falando de Eddie Murphy, mas de Edson Duavy, estudante de Artes Cênicas da UnB. Conheça um pouco mais sobre esse talento que, mesmo sem estar formado, já acumula trabalho e está em cartaz nos palcos e nas escolas.

Página 8

Vem greve por aí?



Gabriel Dias

No dia 10 de maio, 30% dos funcionários da UnB fizeram uma paralisação de 24 horas para discutir uma possível greve ainda este semestre. Eles reivindicam aumento salarial de 65%. Os professores preferiram não aderir à paralisação, mas declaram estado de assembléia permanente. No entanto, no primeiro encontro, no dia 16 de maio, apenas 20 professores estiveram no Anfiteatro 5 discutindo a possibilidade de greve e o processo eleitoral da reitoria. Por unanimidade, eles decidiram apenas acompanhar o andamento da paralisação em outras federais. "Por ser um ano de discussões políticas, a greve é um assunto recorrente, apesar do clima ainda estar morno", admite o professor Antônio Sebben, presidente da ADUnB.

EXPEDIENTE

Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo/FAC - UnB Ano 31, nº 257
2ª quinzena de maio de 2001
Campus Universitário Darcy Ribeiro,
Faculdade de Comunicação
ICC Ala Norte, cx. postal: 04660
Brasília - DF, CEP: 70910-900

Editor-chefe
Wellton Máximo

Editorias
Opinião: Rodrigo Montenegro
Ensino Superior: Fábio Pereira
UnB: Juliana Nunes e Isabel Fonseca
Humor/Serviços: Augusto Castro,
Cidades: Aline Falco
Cultura: Marcus Amaral
Fotografia: Michel Gomes

Reportagem
Aline Falco, Cristiano Torres, Fábio Pereira, Flávia Alvarenga, Flávia Duarte, Flávia Gomes, Juliana Nunes, Marcondes Bé, Marcus Amaral, Otto Valle, Roberto Fragoso, Rodrigo Oliveira, Sandra Costa,

Fotografia
Daniel Araújo,Gabriel Reis, Marcondes Bé, Roberto Fragoso, Thaís Ribeiro

Diagramação e revisão
Nina Guimarães Lilian Tahan, Thaís Cieglinski, Otto Valle

Ilustrações
Cristian Wening, Fabiano Ribeiro, Marcondes Bé, Roberto Fragoso

Equipe *online*
Cláudia de Araújo, Rafael Villas Bôas, Manoel Dourado Bastos

Professores responsáveis
Aglaé Lavoratti, David Renault, Márcia Marques, Susana Dobal

Impressão e tiragem
Correio Braziliense (4 mil exemplares)

Museu de Gravidade Redação para Publicidade Impressa

CARTA DO EDITOR

Interação com a universidade

Fazer com que alunos, professores e funcionários sintam a realidade local refletida nas matérias. Esse é o objetivo que a equipe do **Campus** persegue a cada edição. Só uma publicação com notícias importantes para a comunidade universitária pode alcançar tal meta. Por isso, o desafio é dobrado. Ao mesmo tempo em que precisa ser abrangente e dar conta de uma população de mais de 20 mil alunos, o jornal tem de ser interessante, factual e não se restringir ao academicismo.

A maior dificuldade é refletir o cotidiano da UnB em oito páginas. De fato, conciliar a cobertura da realidade universitária com o espaço disponível não é tarefa fácil. De um lado, repórteres ansiosos em conseguir o melhor aproveitamento do material apurado. De outro, editores e diagramadores que se vêem obrigados a reduzir textos, mas preservar a integridade da matéria.

De fato, a síntese é a marca inerente do Jornalismo. Cortar matérias sem eliminar informações, adequando-as a um espaço que nunca é o suficiente. Reescrever várias vezes a mesma história sem eliminar informações. Trocar palavras, enxugar frases e, ao mesmo tempo, prender o leitor. Apesar da dificuldade, não se pode negar que se trata de um aprendizado profissional.

Mesmo curto, o texto jornalístico precisa ser informativo. Como meio de tornar o jornal mais dinâmico, somem os cabeçalhos das páginas e entram os textos-legenda, com notícias curtas. Uma maneira de não apenas aproveitar o excedente produzido por cada editoria como de imprimir maior agilidade à publicação. O ritmo pode não ser o de um jornal diário, mas nem por isso o **Campus** deve deixar de divulgar assuntos factuais.

Em tempos de reforma curricular e de eleições para a Reitoria, notícias de relevância à comunidade universitária não faltam. Nesta edição, o leitor vai saber como a UnB prepara-se para o racionamento, mesmo economizando energia desde 1997. A equipe de Ensino Superior descobriu que a captação de recursos supera a verba do Ministério da Educação para a manutenção do campus. Em outras palavras, a universidade se auto-sustenta.

A Cultura também é destaque. Com a proposta de revelar talentos da UnB, a editoria traz uma entrevista com o ator de teatro Edson Duavy e com o compositor Rochael, que fez melodias baseadas nas formas dos monumentos de Brasília.

É com histórias como essas que o **Campus** pretende chamar a atenção da comunidade e fazê-la sentir-se identificada com o jornal. Lamentavelmente, nesta edição, não chegaram cartas, o que, de nenhuma forma, diminui a importância do leitor. Afinal, é o destinatário quem dá o retorno do trabalho da equipe. Participe, escreva e expresse suas críticas o sugestões. Sua opinião é essencial para nosso trabalho.

Wellton Máximo
Editor-chefe

Telefone: (61)307-3059
***e-mail*:** campus@unb.br
www.unb.br/fac/campus

OMBUDSMAN

Documentar é importante

Poucos dias depois da publicação da edição 256 do **Campus**, o senhor Joaquim Moço de Oliveira veio até a redação, na Faculdade de Comunicação, se queixar da reportagem "Armadilhas para o estômago". A razão era simples: seu Joaquim é um dos proprietários da lanchonete Nossa Senhora de Fátima, na Biblioteca Central, citada na matéria como um dos locais de comercialização de alimentos dentro do campus com condições de higiene aquém do ideal. No entanto, a reclamação do comerciante não era acerca da inclusão de seu estabelecimento nessa incômoda categoria.

Seu Joaquim estava irado com a publicação de uma fala entre aspas de sua esposa, Margarida Oliveira, na qual ela acusava a UnB de não cumprir sua obrigação na limpeza da biblioteca, o que tornava ineficiente o combate à proliferação de insetos dentro do seu estabelecimento comercial.

Segundo o comerciante, a Prefeitura do campus universitário ligou para a lanchonete questionando a afirmação e querendo saber de que forma a UnB não cumpria com a obrigação, além de exigir que fosse feita uma retratação.

"Vocês, jornalistas, só gostam de criar polêmica. Sou casado com Margarida há 45 anos e tenho certeza que ela não falaria isso", acusou. O repórter responsável pela matéria, Wellton Máximo, não concordou: "Pode não ter sido o que ela quis dizer, mas foi o que entendi". No entanto, o repórter não havia gravado a entrevista com dona Margarida e só possuía anotações como prova.

Seu Joaquim exigia que Wellton redigisse uma carta dizendo que dona Margarida não tinha feito a afirmação publicada – o que seria uma verdadeira humilhação. O repórter não aceitou. Estava formado o impasse: o comerciante não deixaria Wellton em paz enquanto ele não arrumasse um jeito de amenizar os efeitos que a reportagem trouxe ao seu estabelecimento, enquanto o repórter não iria admitir um erro que, segundo o próprio, ele não cometeu.

Dona Margarida, que gerou a polêmica, também se tornou a solução. Após uma negociação intermediada pelos professores responsáveis pelo **Campus**, decidiu-se que Wellton escreveria uma carta dizendo que dona Margarida havia se expressado mal na reportagem. Na verdade ela queria dizer que apenas toma conta da limpeza dentro do estabelecimento, não sendo responsável pela higiene fora dele. Seu Joaquim gostou e concordou com a saída encontrada.

Como se tratava de uma reportagem que poderia trazer – como trouxe – dano à imagem dos envolvidos, o repórter deveria ter gravado as entrevistas. Isso evitaria o contratempo, que teria de ser resolvido pelos responsáveis pelas afirmações.

Com certeza, Wellton não esperava que sua reportagem iria resultar nessa polêmica, por isso não se precaveu. Fica a lição de que todo repórter deve procurar obter garantias da veracidade do seu trabalho, por mais simples que seja a matéria.

César Henrique Arrais



Universidade caça-níqueis

Um terço de tudo o que a UnB gasta é resultado de contratos e parcerias com empresas

Fábio Pereira e Marcondes Bé

Ao todo, são R$ 430 milhões. Isso é o que a Universidade de Brasília tem para gastar durante este ano. Para se ter uma idéia, esse valor corresponde a quase duas vezes o orçamento de uma cidade como Juiz de Fora (MG). O município mineiro tem uma população 15 vezes maior que o número de freqüentadores da universidade, calculado em cerca de 30 mil, entre alunos, professores e funcionários. Para chegar a esta cifra, a UnB precisa arrecadar R$ 138 milhões por conta própria. É dinheiro que chega por meio de aluguéis, serviços hospitalares, publicação de livros e com a prestação de serviços para outras instituições.

É por incrível que pareça, o Exame Nacional de Cursos, o Provão, também ajuda a UnB a atrair mais investimentos. Segundo Tancredo Maia Filho, coordenador nacional do Provão, as boas notas são bem vistas pelas empresas. "As universidades que têm bom conceito no Provão se credenciam para a captação de recursos junto à iniciativa privada, e a UnB fez um bom trabalho de divulgação, quando foi designada pela imprensa como universidade nota A", afirma o coordenador.

A reitora da UnB, Ana Maria Fernandes, concorda com Maia, embora ache que a captação de recursos via Provão não tenha sido usada conscientemente. Para ela, a parceria com empresas deve ser feita por meio de projetos de pesquisa, porque ajuda na formação do aluno além de aumentar o número de patentes para a universidade.

Grandes empresas como a Ford, a Fiat e a Embrapa já investem na UnB. A Petrobras, por exemplo, após desativar o seu laboratório de pesquisa, começou a firmar convênios e distribuir bolsas de mestrado e doutorado para as áreas de Física, Química, Biologia e Engenharia.

Mesmo assim, ainda há brigas entre universidades e empresas. Luiz Fernando Costa, analista em Ciência e Tecnologia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes), afirma que, para as empresas, as universidades gastam muito tempo em teoria sem mostrar resultado prático. Já o cientista político Ricardo Caldas, professor da UnB, vai um pouco mais longe. Para ele, "há uma visão difundida de que as universidades não poderiam chegar perto das empresas porque seriam maculadas e acabariam direcionando as pesquisas apenas para o departamento de pesquisa da empresa".

Especulação imobiliária

Uma das principais fórmulas que a UnB tem usado para arrecadar recursos da iniciativa privada passa longe dessa discussão. A universidade possui vários terrenos na Asa Norte que estão sendo negociados com firmas de construção civil. A instituição vende esses terrenos e, em troca, recebe até 40% dos apartamentos construídos em cada prédio. Dessa forma, além de gerar renda com o aluguel destes imóveis, a UnB também deixa de pagar o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), que custa cerca de R$ 40 mil por terreno. Para este ano, a expectativa é arrecadar pelo menos R$ 33,8 milhões por meio das Secretarias de Empreendimentos Imobiliários e de Gestão Patrimonial .

Foto: Marcondes Bé



Prédio construído em terreno da UnB: a universidade aluga os 40% dos apartamentos a que tem direito em cada bloco

Outra forma de conseguir dinheiro é com doações. Elas não são muito comuns no Brasil, mas são muito importantes para as universidades estrangeiras. Recentemente, o Departamento de Jornalismo da Universidade de Columbia (EUA) recebeu uma doação de US$ 1,5 milhão da Bloomberg News. A empresa de comunicações é especializada em notícias econômicas e tem mais de 200 milhões de expectadores em todo o mundo.

O professor Mamoru Kobaykawa, da Escola Internacional de Mídia da Universidade de Hokkaido (Japão), conta, por *e-mail*, que cada faculdade possui um escritório responsável para receber doações. Além disso, a universidade tem um departamento que centraliza parte das receitas para repassar aos cursos que têm mais dificuldades em consegui-las.

A captação de recursos varia de acordo com o desenvolvimento do país. Na Rússia, por exemplo, as universidades ainda estão dando os primeiros passos. Pelo menos é o que diz Elena Lisman, vice-reitora da Universidade Estadual de Novasebirski, no sul da Rússia, em entrevista ao **Campus** por *e-mail*.

As universidades brasileiras ainda têm de lidar com um inconveniente: todo superávit orçamentário é enviado ao Tesouro Nacional. Essa norma, instituída em 1996, acaba desestimulando a arrecadação de recursos adicionais. Isso sem falar na ineficiência administrativa, pois a universidade se vê na obrigação de gastar de qualquer forma os recursos que sobram ao final do exercício fiscal. Assim, como lamentou a diretora de orçamentos da UnB, Marta Emília Teixeira, "superávit por aqui é raro".



Reitora da UnB defende incentivo à pesquisa

Gráfico: Marcondes Bé

O QUE CADA UM TEM PARA GASTAR ESTE ANO (EM MILHÕES DE REAIS)



A UnB tem dinheiro para administrar uma cidade duas vezes maior que Juiz de Fora (MG). Para se ter uma idéia, o orçamento da cidade mineira mal daria para pagar a folha de pagamentos da universidade, que é de R$ 260 milhões para este ano.

Pós é fonte de recursos

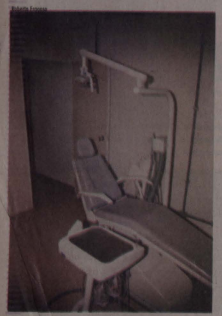
A preocupação com a formação dos alunos também começa a ser um negócio rentável para a UnB. Prova disso é a inauguração do Centro Tecnológico de Odontologia (CTO) no último dia 15. Os cursos de pós-graduação *Lato Sensu* e *Strictu Sensu* estarão abertos no próximo semestre e custarão entre R$ 950,00 e R$1.5 mil.

"Vamos manter a média dos preços do mercado. Nosso diferencial vai ser a qualidade", explica Roberto Machado Cruz, diretor-presidente do Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação em Odontologia (Ipesp), entidade privada que também participa do negócio. Para ele, o CTO deve manter aqui os profissionais que migravam para São Paulo e Rio de Janeiro em busca de especialização e ainda atrair interessados de todo o país.

Segundo Cruz, a cidade está ganhando um centro de tratamento de alta tecnologia, focado na prevenção de doenças bucais. As novas instalações vão funcionar em um prédio da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (Finatec) da UnB. Serão 12 consultórios, um centro cirúrgico, um laboratório de radiologia, um centro de esterilização e um centro de pré-clínica.

Além da pós-graduação em Odontologia, a UnB também oferece outros cursos de especialização. Só no ano passado, foram 41 cursos, que geraram uma renda extra de R$ 2 milhões.

(Roberto Fragoso)



Laboratórios de última geração estarão disponíveis aos alunos da pós-graduação em Odonto

Provão muda conceitos

Fábio Pereira e Marcondes Bé

No dia 10 de junho vai ser realizada a sexta edição do Exame Nacional de Cursos, o Provão. Este ano, serão avaliados 20 cursos (veja quadro ao lado). O coordenador nacional do Provão, Tancredo Maia Filho, explica que a avaliação sofreu algumas alterações nos critérios de distribuição de conceitos com o objetivo de traçar um retrato mais fiel do ensino superior brasileiro. Em vez dos conceitos predefinidos, o Ministério da Educação passará a usar a média das notas alcançadas pelos formandos do país.

Apesar dos protestos de algumas entidades estudantis sobre a qualidade do exame, o Provão colocou na pauta de discussão nacional a avaliação do ensino superior. Segundo a reitora da UnB, Ana Maria Fernandes, "o Provão pode não ser a melhor nem a mais completa forma de avaliação, mas estávamos precisando disso, já que o quê se tinha era uma classificação anual feita pela revista *Playboy*". O Brasil vem passando por uma expansão do sistema de ensino superior.

Marcondes Bé



Maia pretende que o Provão seja um retrato fiel do ensino superior no Brasil

Dados do MEC indicam um aumento de 43% nas matrículas entre 1994 e 1999. A expectativa é que, em 2002, 3 milhões de brasileiros estejam na universidade. Para Maia, o crescimento precisa de controle para que não seja feito de qualquer forma: "É aí que entra o sistema de avaliação".

Confira no **Campus** *on-line* (**www.unb.br/fac/campus**) as entrevistas com a reitora, Ana Maria Fernandes, e com o coordenador do Provão, Tancredo Maia Filho.

Esses serão os cursos avaliados no Provão 2001

Administração
Direito
Psicologia
Economia
Jornalismo
Letras
Pedagogia

Engenharia Civil
Engenharia Elétrica
Engenharia Mecânica
Engenharia Química
Matemática
Física
Química

Agronomia
Biologia
Medicina
Medicina Veterinária
Odontologia
Farmácia

Mais informações sobre o Provão www.mec.gov.br/cesu/pes.shtm

Energia agora vale ouro

A crise energética brasileira também pode afetar o funcionamento da universidade, apesar das medidas de precaução



Foto: Paulo Araújo

Flávia Duarte

Antes de se ouvir falar de apagões, técnicos da Prefeitura da UnB adotavam medidas de contenção de energia, desde 1997.

Para poupar eletricidade, mais de 75% das 240 mil lâmpadas do campus foram substituídas por lâmpadas fluorescentes. A troca representou uma economia de, no mínimo, 4% no total da conta de luz.

"Ano passado, mais de 50 salas do Minhocão ganharam nova pintura. As paredes brancas ajudam a clarear o ambiente, o que gasta menos energia", acrescenta o engenheiro eletricista da Prefeitura José Pedro Amaral, membro da Comissão Emergencial.

De cara nova também está a Biblioteca, reformada ano passado por causa do subsolo alagado. Para retirar o excesso de água, duas bombas de drenagem funcionavam 24 horas por dia. Com as bombas desativadas, a economia foi de mais de R$ 2,4 mil mensais, quase 11 mil Kwh/mês a menos – o suficiente para iluminar por um mês o estacionamento norte do Minhocão.

O saldo positivo dessas iniciativas, não alivia a situação da UnB. Mais energia precisa ser poupada numa universidade que cresce. Entre 1998 e 2000, foram construídos quase 86 mil m² e o número de universitários saltou dos 20 para 26 mil.

José Pedro Amaral, da Comissão de Racionamento, explica que com o subsolo da Biblioteca reformado foi possível diminuir o consumo de energia

À luz de velas

No caso de apagão, pouca coisa funciona. Restaurante e Hospital Universitário, departamentos de Biologia e Geologia possuem geradores a diesel, capazes de manter iluminação básica por mais de 24 horas.

As aulas, porém, estariam comprometidas. Não há geradores que garantam iluminação nas salas e auditórios, nem o funcionamento dos laboratórios, onde acontecem atividades práticas.

Muitos dos 450 futuros engenheiros elétricos teriam prejuízo. Vanessa Araújo, do 7º semestre do curso, passa pelo menos seis horas semanais em um dos 30 laboratórios e sabe que vai sair perdendo: "Muito do que estudamos só se aprende com as atividades de laboratório".

Mesma situação enfrentariam os alunos de Odontologia. Com a falta de energia, nenhum dos 60 aparelhos de implantação de próteses e obturações em manequins seriam usados. Os 230 alunos não teriam aulas práticas na Clínica Odontológica do HUB, já que o gerador do hospital não fornece energia para a clínica.

Em departamentos como o de Biologia, a preocupação é com as pesquisas científicas. Para não perder trabalho e dinheiro, o professor da fitopatologia, Carmine José Dianese recebeu, há dois anos, o financiamento de um gerador. Com isso, o fornecimento de energia fica garantido por mais de dois dias de apagão.

Caso contrário, seria impossível preservar vírus, enzimas e tecidos de plantas da pesquisa à uma temperatura entre -40° e -180°. "Se acabar a energia, temos que jogar fora uma tese de doutorado. Pior ainda seria o prejuízo de perder um organismo muito raro", explica Dianese.

Problemas maiores enfrentariam os alunos dos cursos noturnos. Se um apagão acontece, só as saídas dos prédios são iluminadas. As 30 lâmpadas de emergência a bateria ficam acesas por três horas.

E quem costuma estudar nos finais de semana na Biblioteca Central vai ser obrigado a mudar a rotina. A Comissão Emergencial de Racionamento estuda a possibilidade de reduzir o horário da funcionamento da BCE, que pode inclusive fechar as portas aos domingos.

Economize também

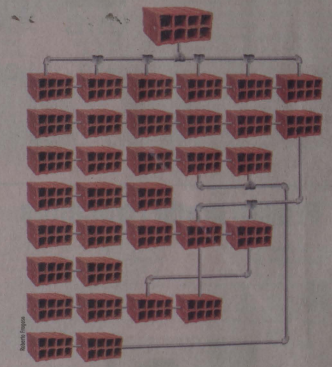
Para que nenhum desses problemas venha acontecer, a Comissão propõe medidas de economia. "Começaremos reduzindo a iluminação nos lugares ociosos e o desligando os aparelhos de ar-condicionado", adianta o presidente da Comissão, Marco de Oliveira.

Alunos, professores e funcionários estão convocados a contribuir com atos simples como apagar as luzes ao sair das salas, desligar equipamentos e ar-condicionados. Afinal, o campus possui mais de 5 mil computadores, 850 aparelhos de ar-condicionado e mais de 305 laboratórios equipados com parafernálias eletrônicas.

Cursos em reforma

Mudanças curriculares movimentam cursos e levantam polêmicas sobre formação universitária

Cristiano Torres e Roberto Fragoso



Arte: Hagar

Existe, atualmente, uma mania de reforma curricular nas universidades brasileiras. As mudanças vão do simples rearranjo do fluxograma até a reestruturação completa de cursos. Na UnB, sete cursos estão em mudança e outros oito já finalizaram o processo.

Essa série de reformas foi influenciada pelas novas Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação (MEC) e pelas orientações do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe/UnB). Com as mudanças, o governo pretende tornar os cursos mais rápidos e baratos.

Para isso, o MEC sugeriu a extinção do currículo mínimo. Cada instituição de ensino tem agora liberdade para determinar a carga horária do curso. A idéia é incentivar as universidades a formar profissionais mais preparados para o mercado de cada região.

Os pioneiros

A Faculdade de Direito foi uma das pioneiras em matéria de reforma curricular na UnB. Mas os alunos do curso de Direito têm restrições ao novo currículo e chegaram a entrar com uma ação judicial contra a implantação. "As mudanças são boas. A forma como foram feitas é que são inadequadas", explica G., ex-membro do Centro Acadêmico, que, assim como os colegas, prefere não se identificar.

Segundo G., os professores não convidaram os alunos para participar da elaboração do novo programa, feita no primeiro semestre de 1997. Com isso, os estudantes tiveram dificuldades para adaptar-se às novidades. A principal delas é a implantação do programa de Prática e Atualização do Direito (PAD), que é uma resposta à necessidade de atualização. O programa prevê disciplinas que discutam problemas atuais da sociedade.

Mas, segundo os alunos, a faculdade não tem a quantidade suficiente de professores para lecionar essas novas disciplinas, o que obriga o remanejamento de profissionais não preparados ou especializados nas novas disciplinas.

Além do PAD, a reforma curricular do Direito inclui um programa de Atividades Complementares, pelo qual o aluno pode escolher atividades extraclasses e ganhar crédito por elas. O curso ganhou também um novo método de avaliação, com provas anuais. "O aluno é avaliado naquilo que é essencial para sua formação, não no que acumulou", explica José Geraldo de Sousa, diretor da Faculdade de Direito na época das mudanças.

José Geraldo admite que a falta de professores é um problema, mas sugere o uso de estratégias que compensem esta deficiência, como convênios ou intercâmbio do corpo docente. "A natureza da prática passa a ser discutida a cada semestre. O curso fica sempre atualizado."

Estudantes de direito entraram com ação judicial contra o que consideram uma reforma mal feita. O curso foi um dos primeiros a sofrer mudanças estruturais, no primeiro período de 97.

Na Pedagogia, as reformas serão ainda mais radicais e criaram polêmica entre os alunos do curso. Para criar uma formação completa de pedagogo, serão extintas as três habilitações existentes na faculdade (ensino especial, orientação educacional, magistério para início de escolarização).

Segundo a professora Sandra Tiesenhausen, diretora do Departamento de Métodos e Técnicas, o curso dividido em habilitações é herança da ditadura, quando "a formação era restrita às funções de inspenção, coordenação e supervisão."

Alguns alunos questionam essa formação mais generalista. Hernany Gomes, estudante do 4° semestre e membro do Centro Acadêmico, acredita que a necessidade de uma formação especializada possa tornar o novo currículo deficiente. Outra reclamação está na demora. Segundo os estudantes, o currículo já está sendo discutido há cinco anos.

Redução de créditos

Na Geologia, a idéia de reforma está sendo vista com bons olhos. A última turma que estudou pelo currículo antigo se forma no final do semestre. A reformulação começou em 1998 com o objetivo de melhor organizar o fluxograma. "Alguns alunos deixavam matérias básicas, como Cálculo 1, para o final do curso e acabavam se prejudicando", lembra o estudante Fábio Carvalho, do 8° semestre.

A coordenadora de graduação em Geologia, Márcia Moura, conta que esse problemas foram solucionados. "Além disso, introduzimos matérias com assuntos atuais, como preservação ambiental", explica Márcia. Apesar disso, a reforma da Geologia tem um ponto polêmico: o percentual de créditos obrigatórios é de aproximadamente 80% do total (216), o que contraria a resolução do Cepe de manter em 70%.

A Comunicação optou por respeitar a orientação. Mesmo assim, a reforma será mais ampla. A habilitação em Rádio e TV será extinta e surgirá a habilitação em Cinema e vídeo. A estrutura do fluxograma vai ser alterada para privilegiar a integração entre teoria e prática ao longo de todo o curso. A proposta de reforma curricular da Comunicação surgiu do Fórum Permanente de Discussão Pedagógica, liderado pelo professor Clodo Ferreira, com a participação dos alunos. "Mais importante que o currículo é a construção de um projeto pedagógico que seja produto do diálogo coletivo", ressalta Clodo, que se baseia na obra do educador brasileiro Paulo Freire.

Como acontecem as mudanças

A reforma curricular é um processo mais complicado do que parece. Começa com uma proposta, elaborada por especialistas na área do curso. O Decanato de Graduação recebe o programa e analisa a possibilidade de implantação e a regularidade dos aspectos acadêmicos, segundo as diretrizes curriculares do MEC, ainda em elaboração. A palavra final é dada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe).

Mas os melhores especialistas para montar a proposta, segundo o decano de graduação da UnB, Fernando Neves, são mesmo os professores de cada curso. Afinal, são eles que convivem com as necessidades de ensino dos alunos. "A universidade está, na verdade, sendo na frente do MEC. Ela está se adiantando. Se as diretrizes mudarem, talvez uma nova reforma se faça necessária nesses cursos que já finalizaram o processo", diz Neves.

Isso é confirmado pela assessora da Secretaria de Ensino Superior (SESu/MEC), Simone Caldas. Ela diz que o ministro da Educação, Paulo Renato, ainda está analisando as propostas do Conselho Nacional de Educação, referentes aos cursos de Comunicação Social, Filosofia, Serviço Social, História, Geografia, Letras, Ciências Sociais, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. "Existe uma preocupação do Ministério em tornar os cursos mais práticos e eficientes, mas é preciso também uma preocupação com a cidadania e formação universitária", completa.

Como anda a reforma na UnB

Estão em mudança:
- Comunicação, Pedagogia, Medicina, Serviço Social, Ciência Política, Economia e Ciências Sociais.

Já finalizaram o processo:
- Geologia, Biblioteconomia, Agronomia, Química, Biologia, Artes Plásticas, Desenho Industrial e Direito.

Eleições

Devagar quase parando

Campanha de reitoráveis começa morna e não chama atenção dos eleitores

Flávia Alvarenga e Sandra Costa

Poucas pessoas estão envolvidas e algumas até desconhecem, mas a campanha eleitoral para a reitoria já começou. Depois de definidas as normas, os candidatos Volnei Garrafa, Antônio Nepomuceno e Lauro Morhy estão divulgando, ainda que timidamente, as propostas na luta pela conquista dos votos. A estratégia de marketing dos três é semelhante, devido às regras estabelecidas pela Comissão Organizadora da Consulta - COC (leia abaixo), e está sendo feita com panfletos, cartazes, *e-mails*, visitas a departamentos e debates. Os recursos para o financiamento estão sendo arrecadados por meio de doações feitas por alunos, professores e funcionários.

A estratégia de marketing dos três candidatos é semelhante, sendo feita com panfletos, cartazes, *e-mails*, visitas e debates

Mudar é preciso resume a proposta de Nepomuceno. Mostrar a necessidade de mudanças para a Universidade de Brasília, tanto no meio científico e político quanto social. "O objetivo é buscar novos rumos, novas idéias, sempre à procura do melhor.", diz o candidato. Na opinião de Volnei, a instituição perdeu o brilho e a inquietude, daí o nome *Darcy Ribeiro*. "Quero resgatar mais a participação crítica dos alunos, a UnB não é mais aquela dos sonhos de Darcy Ribeiro.", resume. O nome da chapa de Morhy, *UnB mais à frente*, aponta para a continuidade dos trabalhos realizados durante a primeira gestão. Em 1997, a chapa chamava-se *UnB à frente*. "A experiência adquirida nos últimos anos à frente da universidade nos dá uma visão mais clara das necessidades da instituição", afirma o candidato a vice da chapa de Morhy, Timothy Mulholland.

Dentre os principais assuntos abordados pelos candidatos está a privatização da instituição. Todos são contra a cobrança de mensalidades, mas concordam com a busca de outras alternativas para captação de recursos. "O que não podemos é descaracterizar a universidade. As verbas têm que ser investidas naquilo que nós geramos aqui, o conhecimento", afirma Nepomuceno.

Para Volnei Garrafa, o problema com a arrecadação de verbas da UnB está na falta de transparência das contas da instituição. "Faremos um planejamento participativo. A Reitoria e os colegiados irão definir onde o dinheiro será aplicado", explica. "Hoje não há confiança nas fundações", completa o candidato.

Segundo Lauro Mohry, a UnB recebe colaborações há mais de 15 anos e são elas que fortalecem a instituição perante a sociedade. No entanto, o reitor licenciado admite a necessidade de melhorias na instituição. "Estamos aprimorando os mecanismos captadores mais recentes, como as Fundações de Apoio, para isso estamos contando com o apoio da comunidade acadêmica", afirma.

A função do vice

Rodrigo Oliveira

Ao contrário do que pode aparentar, a função de vice-reitor na Universidade de Brasília não é meramente decorativa. Enquanto o reitor atende a reuniões, coquetéis e encontros com políticos e intelectuais, a universidade fica entregue ao ocupante da segunda cadeira mais importante da instituição. É ele o responsável pelas decisões executivas e administrativas da universidade.

Segundo o estatuto interno, o vice tem duas obrigações básicas. A primeira diz respeito à substituição do reitor caso ele esteja ausente ou impedido de exercer a função. De acordo com Timothy Mulholland, vice-reitor licenciado da UnB, são poucas as ocasiões em que o titular não está presente para atender a encontros e reuniões. "Na última gestão tive de estar no lugar do reitor no máximo 10% do tempo", afirma Timothy.

A outra obrigação atribuída ao vice é vaga, mas a UnB a transformou em cargo administrativo. O estatuto diz somente que ele deve cumprir os trabalhos que lhe forem delegados pelo reitor. Na realidade, o vice acaba sendo responsável por assuntos mais práticos. A maior parte do tempo o vice estará resolvendo problemas como a contratação de professores e supervisão de órgãos da instituição como a Fazenda Água Limpa e o Hospital Universitário.



Fotos: Gustavo Araújo e Gabriel Reis

Timothy Mulholland, 51 anos. Brasileiro naturalizado, nascido na Califórnia (EUA). Vice-reitor licenciado (UnB) Formado em Psicologia (Westmont college) Mestrado e Doutorado em Psicologia (Universidade de Pittsburgh)

Rachel Nunes da Cunha, 48 anos. Nascida no Rio de Janeiro. Professora de Graduação e Pós-Graduação (UnB) Formada em Psicologia (Universidade Católica de Goiás - UCG) Mestrado em Psicologia (UnB) Doutorado em Psicologia (Western Michigan University)

Gustavo Lins, 47 anos. Pernambucano. Coordenador-licenciado da Pós-Graduação da Antropologia (UnB) Formado em Sociologia (UnB) Mestrado em Antropologia (UnB) Doutorado em Antropologia (Universidade da cidade de Nova Iorque)

E você?

Veja a opnião de alunos, funcionários e professores sobre a eleição



Thais Ribeiro

"Sei quem são todos os candidatos a reitor e vou votar no Lauro Morhy."

Wolfgang Dopcke, professor do Departamento de História



Thais Ribeiro

"Estou engajado na campanha de Nepomuceno. Ainda não estou correndo atrás de votos, mas pretendo ajudar."

Joaquim Andrade, professor do Departamento de Economia



Thais Ribeiro

"Sei que o Lauro e o Volnei são candidatos, mas não me lembrava do Nepomuceno. Só sei que não votarei no Lauro."

Jeová Batista, laboratorista da Faculdade de Comunicação



Thais Ribeiro

"Apesar de saber o nome dos três candidatos, não conheço as propostas deles. Acho que a campanha deveria ser mais divulgada."

Jorge Luis Pereira, assistente administrativo do Departamento de Economia



Thais Ribeiro

"Não sei nem quem são os candidatos. Ano passado recebi um papelzinho , mas não lembro o nome da pessoa."

Mariana Caldeira da Silva, 5º semestre de Geografia

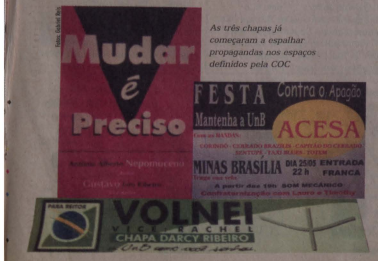


Thais Ribeiro

"Esqueci o nome dos candidatos. Qual é aquele que ia se preocupar com nosso departamento mesmo?"

Hélio Braga D'Ávila, 2º semestre de Biblioteconomia

Saem as normas da campanha



Thais Ribeiro

As três chapas já começaram a espalhar propagandas nos espaços definidos pela COC

A Comissão Organizadora da Consulta (COC) é o órgão responsável pelas normas da campanha eleitoral na universidade. É ela que decide as formas de divulgação do processo eleitoral, marca os debates entre os candidatos e tem poder para advertir ou até mesmo cassar a candidatura, caso seja encontrada alguma irregularidade. No dia 7 de maio, a COC divulgou as seguintes normas:

1. É proibido veicular matéria paga em qualquer meio de comunicação;

2. A divulgação da campanha só é permitida dentro do campus. Os cartazes devem ser fixados nos locais definidos pela COC e o uso do carro de som está proibido;

3. É proibido danificar o patrimônio;

4. A campanha não pode ser financiada por partidos políticos e órgãos da UnB/FUB;

5. Os debates só podem ser agendados pela Comissão. Os candidatos podem visitar as unidades da UnB, assegurando-se igualdade entre eles. Mas, qualquer atividade de campanha dentro de salas de aula e de laboratórios está proibida;

6. O apoio de órgãos acadêmicos ou administrativos da universidade aos candidatos é proibido;

7. A participação de pessoas físicas na campanha fica restrita aos membros da comunidade acadêmica;

8. Os candidatos têm que apresentar, até 21/05, o orçamento da campanha, que será publicado pela COC em 13/06. Durante todo o processo, a comissão pode ter acesso à contabilidade dos candidatos;

9. Os candidatos têm direito de acesso às informações da Unb/FUB;

10. Casos omissos serão resolvidos pela COC.

(F.A.)

De malas prontas

Já estão abertas inscrições para intercâmbio na Austrália e na Suécia

Otto Valle

Quem nunca pensou em trancar o curso para fazer um intercâmbio estudantil ou mesmo adquirir experiência profissional no exterior? Alguma vez ao longo da vida acadêmica, o assunto deve ter passado pela cabeça de quase todo estudante.

Para os que imaginaram viver em outro lugar e têm a vontade de passar um tempo estudando fora, mas não sabem onde conseguir informações a respeito, a Assessoria de Assuntos Internacionais da UnB (INT) pode ser a orientação que muitos procuram para a arrumar as malas.



O órgão, que funciona no prédio da Reitoria, é responsável por todo o tipo de convênio, cooperação e intercâmbio internacional que a universidade realiza com 75 instituições de ensino superior de 36 países. Das Américas à Ásia, passando pela Europa e África, alunos de graduação, pós-graduação, professores e técnicos da UnB podem desenvolver atividades no exterior.

Os estudantes são isentos das despesas com mensalidades em alguns países como o Japão. Lá o custo de vida é bem mais elevado, por isso as universidades oferecem bolsas para ajudar os alunos estrangeiros com os gastos de habitação e alimentação.

Em contrapartida, em lugares como Equador e Vietnã, onde viver é mais barato, é o estudante que tem de arcar com as despesas, exceto as relacionadas com educação. "Muitas vezes sai bem barato viver nesses países", diz Odete Paunde, que trabalha no INT. Vinda de Moçambique, ela é estudante de Relações Internacionais e está no Brasil há cinco anos, dando seqüência aos estudos e estagiando no órgão.

Para se candidatar a uma vaga, o estudante tem de estar cursando, no mínimo, o quarto semestre. Também é necessário um certificado que comprove domínio do idioma falado no país para o qual se deseja viajar. O candidato deve, ainda, apresentar o currículo escolar e um miniprojeto de pesquisa, justificando a participação no programa. Além disso, é necessário ter uma carta de recomendação de algum professor.

O INT também leva em conta a capacidade de a pessoa manter-se financeiramente no exterior. Antes de todas essas etapas, o interessado deve preencher um cadastro informando para que país quer ir e o curso que faz.

À medida que vão aparecendo vagas – pois dependem do interesse de um aluno estrangeiro vir para a UnB –, o INT entra em contato com as pessoas registadas no cadastro. Mas é claro que é bom sempre procurar o órgão para saber das novidades. Algumas vezes, aparecem poucas vagas que são preenchidas rapidamente.

Este semestre serão abertas duas vagas para a Suécia e uma para a Austrália. Os interessados já podem procurar o INT para se inscrever e torcer para serem escolhidos. A seleção será feita entre junho e julho e as aulas começarão em setembro.

Além do programa de intercâmbio com duração mínima de um semestre, também há diversos cursos em outros países. Em setembro, por exemplo, haverá um sobre cartografia na Colômbia e outro sobre educação para a paz em Israel. Essas informações são periodicamente publicadas no *Info INT*, um boletim sobre bolsas, oportunidades internacionais, ofertas de cursos no exterior, seminários, *workshops*, estágios remunerados e prêmios. Todas as informações sobre oportunidades de estudos no exterior e os procedimentos necessários podem ser acessadas na página do órgão na Internet.

Serviço:
Assessoria de Assuntos Internacionais (INT)
Fone: 307-2250 **www.unb.br/int**

Abaixo da L2 Norte

Fomento à pesquisa
A Finatec está recebendo até o dia 31 de maio propostas de interessados em obter apoio financeiro para projetos finais de graduação, iniciação científica, publicação de livros ou apresentação de trabalhos em eventos internacionais. Professores, alunos e pesquisadores da UnB podem apresentar projetos. **Fones:** 348-0400 / 348-0431 **www.finatec.com.br**

Projeto Caixa Populi
Acontece até o dia 31 de maio a exposição fotográfica Caixa Populi, que registra hábitos, personagens e costumes da capital federal no começo do terceiro milênio. Com trabalhos de 15 fotógrafos a exposição está no Conjunto Cultural da Caixa, SBS Quadra 4, lotes 3/4, Ed. Matriz.
De segunda a Sexta - 9h às 19h.

Fazenda Água Limpa
A Fazenda Água Limpa (FAL), da Universidade de Brasília, está aberta ao público. Lá , o visitante pode conhecer as práticas laboratoriais em Biologia, Ecologia, Zoologia e Agronomia, desenvolvidas pela fazenda-escola. A FAL fica a 30km do campus, no Núcleo Rural Vargem Bonita - SMPW Quadra 17. **Fone:** 380-2021, **fax:**500-0607, **falunb@unb.br**

Escola de Extensão
Se você está interessado em fazer ou propor cursos de extensão (danças, esportes, oficinas, lutas...) para a Escola de Extensão da UnB (EXE), entre em contato com a secretaria da escola que fica no Prédio Multiuso I, sala AT-23.
Fone: 347-1400, **fax:** 349-0048, **exe@unb.br**

Rebeldes e Submissas
Vai até o dia 12 de junho a exposição "Rebeldes e Submissas uma estória do século XX" do artista e professor da UnB, Miguel Simão. A exposição é na Galeria da UnB, 406 norte, bloco A, loja 32. **Fones:** 307-2318 / 307-2317, **ferreiro@tba.com.br**

Enecom 2001
O Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecom) deste ano acontece de 14 a 20 de julho no campus da Universidade Católica de Brasília (UCB). O encontro tem como tema "Democratização da Comunicação: quem está no controle?". Com discussões, debates, oficinas, palestras, exposições, artes, o Enecom é o maior encontro do movimento estudantil de comunicação brasileiro e acontece anualmente. **Fones:** 356-9424 / 356-9426, **www.enecom.com.br www.enecos.org.br enecom2001@yahoo.com**

HUMOR

Augusto Castro

Notas espirituosas de um mulato inzoneiro



Nosso ex-Rei-tor já tem novo apelido pelas esquinas da UnB: Lauro Fuji-Mohry, em homenagem aó ex-presidente japonês do Peru (ou será do Chile?) Alberto Fujimori, que se reelegeu duas vezes e ainda queria ficar mais um pouquinho.

Comenta-se também que Lauro Mohry disse que só seria candidato se fosse unanimidade (ou seria consenso?). Parece que ele não cumpriu a promessa. Ainda bem, pois toda unanimidade seria burra, como sugeriu Nelson Motta.

Se Lula realmente for candidato a presidência de novo vou acabar acreditando que ele de fato é um agente da CIA enviado para manter o poder da América Latrina na mão das elites. Desiste, Lula, deixa a Heloísa Helena ser presidenta.

Estou entrando com um processo de danos físicos contra o **Campus**. O jogo dos sete erros da edição passada deixou a retina de minha querida avó. Quase que ela fica cega. Foi uma tragédia.

O Rei-torável, galã e viajante Volnei Girafa ficou bravo com o **Campus**, disse que o jornal distorceu algumas de suas declarações. Ficou alguns dias dizendo que não la mais falar com a gente. Cara estressado...

Cara, parece que estão reformando todos os banheiros da UnB tudo de uma vez só, ao mesmo tempo, simultaneamente. Ouvi que a próxima é a reforma dos currículos. Depois vem a reforma dos salários. Aí tem a reforma dos professores. Seguida pela reforma dos bebedouros. Só estou preocupado é se vai ter papel higiênico suficiente no banheiro. E espelhos também.

HAI-KAI:
O professor em sua sina
ensina
com o salário abaixo
não tem mais saco

Ilhas Cayman. Pasta rosa. Compra de votos pra reeleição. Petrobras vazando. Carandiru. Luiz Estevão. Rio-Centro. Chico Mendes. Beira-Mar. Incêndio na Xuxa. Carla Perez grávida. Lalau. ACM e Arruda. Jader. Sudam. Sudene. CPI da Corrupção. CPI do Futebol. É muita desgraça, é muito escândalo. Sempre um escândalo sendo usado para apagar uma desgraça, e vice-versa. E agora o apagão, que vai apagar tudo, literalmente.

Pena que não temos uma candidata a reitora. Ganharia o meu voto fácil-fácil. Como diz Rita Lee: "Mulheres no poder!".

Já começaram os boatos sobre greve nas universidades púbicas federais. Anda logo com isso, que eu estou precisando de férias.

Sempre que vejo falar na imprensa sobre o Ministério Público e seus maravilhosos procuradores me lembro logo dos Superamigos. Lembra da Sala da Justiça? "Enquanto isso na Sala da Justiça...", pois é, o Ministério Público é nossa nova Sala da Justiça . E os procuradores são nossos novos Superamigos. Pena que os arquivilões (ou arquinimigos) são muitos: Arruda Verde, ACM de Gelo, Jader Charada, Tempestade à Beira-Mar, Lex-Luthor Estevão...

É impressão minha ou Arruda, Collor e Ciro Gomes são a mesma pessoa? Já viram que lindos olhos eles têm? E as narinas então?

Aluno, não desperdice seu voto, recicle-o





Cidadania reabilita adolescentes

Atualmente, 176 adolescentes infratores do DF prestam serviços à comunidade. A UnB foi pioneira na implantação da medida

Aline Falco

Desde 1996, a cada dois meses, 30 adolescentes que cometeram delitos vêm à Universidade de Brasília prestar serviços comunitários. Eles fazem parte do Projeto Sócio-Educativo de Prestação de Serviços à Comunidade (Pesc), que, até agora, já atendeu 341 jovens. A UnB é uma das 12 instituições do DF conveniadas com a Vara da Infância e Juventude para receber esses meninos e meninas e reinseri-los no convívio social.

Entre essas instituições está o HUB, onde oito adolescentes monitorados pela Associação de Voluntários acompanham os pacientes com visitas e apoio psicológico. Outra é o Centro de Treinamento de Educação Física Especial (Cetefe), do GDF, os meninos atuam como monitores auxiliares de deficientes físicos.

A Prestação de Serviços Comunitários é aplicada apenas para adolescentes sem um grande grau de desajuste e que não tenham cometido atos deliberados de violência.

No ano passado as principais infrações foram roubo, porte de armas e falta de habilitação. Na UnB, em quatro anos, os principais delitos dos jovens que passaram pelo Pesc foram dirigir sem carteira, roubo e lesão corporal não-intencional.

A maioria dos meninos e meninas que prestam serviços são de famílias de baixa renda de cidades satélites: 37% destas famílias ganham de um a quatro salários mínimos. Por outro lado, o número de jovens de família de classe alta é expressivo: 21% têm renda acima de 20 salários.

A diferença na maneira como eles encaram a medida chama a atenção. R.A., 16 anos, mora no Lago Sul, sempre estudou em escolas particulares de alto nível. Foi detido em 1999 por estar dirigindo sem habilitação. Acha justo pagar pelo que fez, mas "preferia passar as tardes em casa". Já F.L., 18, morador de Santa Maria, com família com uma renda mensal de R$ 750, vê a Prestação de Serviços como uma alternativa de capacitação e de combater "a falta do que fazer".

De acordo com a Promotora de Infância Selma Sauerbonn, é justamente esse o objetivo do Serviço Comunitário: "Trabalhar a ociosidade do adolescente infrator, que é uma vítima da sociedade, e estimular a prática da solidariedade. Além disso, a intenção é descobrir novas habilidades e acostumar o jovem a um ambiente de trabalho. F.L., que presta serviços por uma tentativa frustrada de roubo de carro pretende arranjar emprego logo que terminar de cumprir a medida: "Quero ajudar minha família".

18% dos meninos que prestam serviços voltam a cometer delitos. No Caje, 65% dos internos reincidem

Demora e preconceito

Das 20 pessoas que prestam serviços atualmente no Cetefe, 12 têm mais de 18 anos. Na UnB, o número é maior: 22 dos 29 que estão prestando serviços. Durante quatro anos, 40% dos meninos que passaram pelo programa tinham 18 anos ou mais. Isso se deve à demora entre a infração e a aplicação da pena.

W.M., 18, é um desses meninos. Foi flagrado em um assalto à mão armada e aguardou quatro anos para que seu processo fosse finalizado. Durante esse período, sem acompanhamento, cometeu outras duas infrações. Agora, diz que parou: "Se tivesse vindo para cá antes, não teria me metido com isso".

Daniel Araújo
Arquivo pessoal



Dinâmicas de grupo entre pais e filhos são uma das atividades de que participam os meninos que prestam serviços na UnB

O desconhecimento e o preconceito das instituições que poderiam estar recebendo os meninos são os principais responsáveis pela demora. Em 1999, havia cerca de 900 jovens para 415 vagas na Prestação de Serviços. No ano passado, algumas instituições cancelaram o convênio e as vagas diminuíram para 241. Hoje, 220 meninos aguardam na fila de espera.

"Muitos, quando ouvem falar de jovens infratores, acham que eles são bandidos. Na verdade, eles estão com conduta desviada na sociedade e precisam de resgate. Não por meio da cadeia, e sim sendo útil à sociedade. Por isso, chama-se medida sócio-educativa", diz Ulisses de Araújo, que coordena jovens de até 20 anos no Cetefe. Ele afirma que é preciso que as instituições estejam abertas pelo menos para conhecer o que é a Prestação de Serviços e os meninos que a cumprem.

Diálogo aberto à comunidade

Em 1998, a então coordenadora do Pesc, Clemira Souza, e a pedagoga Maria Ângela Lopes criaram a Escola de Pais e Filhos, para trabalhar com a família dos meninos que prestavam serviços na universidade. Lá, eles participam de dinâmicas quinzenais coordenadas voluntariamente por psicólogos, antropólogos, profissionais de saúde e pedagogos, sempre incentivando o diálogo entre pais e filhos.

O projeto foi tão bem-sucedido que hoje também atende famílias de adolescentes que cumprem a medida de Liberdade Assistida e, segundo Clemira, está aberto a qualquer família que queira participar.

Joaquim de Souza, pai de uma adolescente que cumpre Liberdade Assistida por roubo e lesão corporal acha o serviço da escola fundamental: "Dá uma chance ao diálogo, hoje esquecido". A filha, L., de 16 anos, acredita que as reuniões oferecem possibilidades de novos caminhos, e diz querer tentar achar o seu.

Segundo a antropóloga Rosângela Azevedo, voluntária da escola há três anos, em nenhum momento os orientadores abordam a infração. "Nos encontros são discutidas questões de cidadania," de saúde, e de identidade, entre outras coisas, e procura-se comparar a adolescência do pai com a do jovem. "Diante de um delito, tanto pais quanto filhos se sentem impotentes, porque há um julgamento e uma cobrança grande da sociedade", diz.

Filosofia também é para gente pequena

Projeto incentiva o pensar e o fazer infantil em escolas públicas



Beatriz Nogueira

Cristiano Torres

Filosofia e crianças. O que para muitos é um diálogo impossível, pode se unir no fascínio pelo novo, na vontade de conhecer e no prazer pela surpresa, típicas da infância. Por isso, e por estarem sempre insatisfeitas, elas se tornam filósofas em potencial.

Acreditando nisso, alguns professores se reuniram para criar o Projeto Filosofia na Escola, na Faculdade de Educação da UnB (FE/UnB), em 1997. A proposta é ser uma ponte entre as reflexões pedagógicas e filosóficas da universidade e a prática de aula das escolas públicas de Brasília.

O projeto integra uma faculdade e dois departamentos da universidade – Pedagogia, Filosofia e Psicologia – e atua em cinco escolas públicas de Ceilândia, Sobradinho e Plano Piloto. Em sala de aula, os professores são acompanhados por mediadores, sempre alunos da UnB.

O Projeto Filosofia na Escola participa de um movimento que surgiu nos anos 60, chamado Filosofia para Crianças, presente em 30 países, criado pelo filósofo Mattew Lipman. Em Brasília, o trabalho é feito por meio da problematização com perguntas, pelo debate participativo e pela realização de atividades que levem as crianças à reflexão, como jogos e brincadeiras.

A Coordenadora do Projeto, Bernardina Leal, diz que o objetivo do Filosofia nas Escolas é fazer com que a criança possa se expressar, sem a preocupação de chegar a algum lugar, alcançar algum objetivo. As aulas de Filosofia nunca são silenciosas, pois as crianças sempre querem falar. O trabalho é feito com todas em círculo, dialogando sobre um tema ou texto (que muitas vezes pode ser um desenho, uma pintura, um objeto).

Congresso de crianças

As crianças-filósofas terão, nesse mês de junho, a oportunidade de participar de um debate sobre o ensino de Filosofia, no Congresso das Crianças, dentro do Encontro Internacional de Filosofia e Educação.

"As crianças já estão tematizando o evento em suas respectivas escolas, transformando-o em objeto de estudos. Algumas das oficinas a serem realizadas durante o congresso partiram de propostas dos próprios meninos", afirma Bernadina Leal. A intenção é que elas próprias conduzam o congresso.

As oficinas contarão com a participação de crianças e adultos. A idéia não é isolá-las do mundo adulto, mas promover um novo espaço de diálogo educativo e filosófico entre os pequenos, e deles com os adultos.

O congresso acontecerá no dia 16 de junho. A intenção é que participem todas as crianças evolvidas com Filosofia em Brasília, Cuiabá (MT), Uberlândia (MG), Itabuna (BA) e Goiânia, além de jovens estudantes peruanos, totalizando 250 crianças e jovens.

O objetivo do Encontro Internacional de Filosofia e Educação é abordar as conquistas e os problemas do ensino da Filosofia atual. O evento vai contar com 600 participantes de toda a América do Sul, inclusive pesquisadores e professores europeus e americanos. O encontro vai ocorrer na UnB, entre 14 e 16 de junho.

Marcondes Dib
Colaboração Gabriel Reis



Bundalelê pela ética

Apesar da operação de guerra montada pela Polícia Militar, a irreverência marcou o protesto de 2 mil estudantes no Congresso Nacional, no dia 23 de maio. Enquanto o Conselho de Ética do Senado aprovava a abertura do processo de cassação dos então senadores José Roberto Arruda e Antônio Carlos Magalhães, os mais de 500 policiais não conseguiram impedir que jovens mostrassem o traseiro para o Congresso. Os manifestantes também queimaram uma pizza de 5 m de diâmetro, igual a que havia sido levada ao local pelos estudantes no dia 17.

Entrando em cena

Jovem ator faz rir enquanto enfrenta as dificuldades da "vida de artista"



Foto: Gustavo Rios

Flávia Gomes e Marcus Amaral

Edson Duavy é Edinho desde antes de nascer, há 23 anos: "Todo mundo chamava a barriga da minha mãe de Edinho, porque é o nome do meu pai". Ele faz teatro desde os 13, mas ainda não se considera um ator, mesmo tendo um currículo de causar inveja a muitos profissionais. "Sou um estudante de artes, ainda tenho muito a aprender."

Ele divide o tempo entre o curso de Artes Cênicas na UnB, apresentações de peças, ensaios, e o que mais aparecer. Está no elenco de *Drummond do Mundo*, em curta temporada na Sala Martins Penna. Edson também se apresenta em escolas. São trabalhos para o Detran e para o Ministério da Saúde.

A mãe, Clícia, no início foi contra a opção de Edinho: "Tive medo que ele, por ser negro, fosse discriminado na profissão". Hoje ela é sua maior fã, mas reclama do excesso de atividades do filho: "Ele acha que o dia tem mais de 40 horas".

O ator e diretor Hugo Rodas, que foi professor de Edinho em duas disciplinas, considera-o uma pessoa com dedicação "infernal" ao trabalho. E um ótimo aluno.

A paixão de Edinho pelo teatro teve início durante as aulas de Artes Cênicas no Colégio Gisno. Mais tarde, conseguiu uma bolsa para estudar com o diretor Robson Graia, que viria a ser uma de suas maiores influências. Aos 16, por insistência do pai, entrou no Colégio Militar e ficou um ano sem atuar.

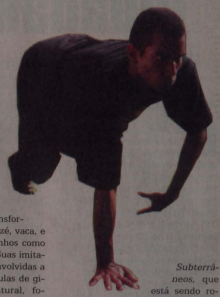
Edson nunca deixou de ser um espectador chato. Estava sempre na platéia do Jogo de Cena. Quando os apresentadores Welder e Pipo chamavam alguém ao palco, era o primeiro a se oferecer. De volta ao teatro, apresentou-se em várias edições do evento com *Os Donos do Pedaço*, dirigidos por Graia. Em 1997 veio o convite para atuar em *2 + 2 = 6*, com Welder, Pipo e Jovane Nunes, do grupo *Os Melhores do Mundo*.

"Gosto da comédia, mas não quero ficar em um só gênero. O espaço para negros já é restrito, não quero me limitar ainda mais. Quero fazer de tudo."

De tanto participar do tradicional programa, Edinho aprendeu a fazer. Ele e o amigo e também ator William Lopes são os apresentadores oficiais do Palco Bsb, evento mensal que reúne música, dança e teatro. Na última edição do evento, a pedidos, Edinho se "transformou" em gorila, chimpanzé, vaca, e outros bichos mais estranhos como escargot e tiranossauro. Suas imitações, desenvolvidas a partir de aulas de ginástica natural, foram o momento mais divertido da noite.

Para ele, fazer as pessoas rir não é problema: "Sempre fui o engraçadinho da turma." A amiga e colega de curso Nara Faria destaca o humor como uma de suas características mais fortes: "Mas acho que ele tem potencial para fazer o que quiser". Edinho gosta muito da comédia, mas não quer ficar preso a um gênero: "O espaço para atores negros é restrito, não quero me limitar ainda mais. Quero fazer de tudo."

No futuro, Edson quer fazer cinema. Sua primeira experiência na área foi um pequeno papel no filme *Subterrâneos*, que está sendo rodado no Conic. Conseguir viver só da profissão é outro de seus sonhos. Ele sabe que, para muitos atores da cidade, o teatro é um *hobby*. Edinho ganha o suficiente para ajudar nas despesas da casa, que divide com a mãe e o irmão de 19 anos. Mas não sabe se conseguiria sobreviver por conta própria com o trabalho de ator.



Serviço

Drummond do mundo
Dias 28, 29 e 30 de maio
Sala Martins Penna às 21h
Ingressos a R$ 10,00 (inteira) e R$ 5,00 (meia)

Música para os olhos

Estudante faz partituras que são a cara de Brasília

Flávia Gomes

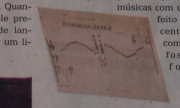
Música e arquitetura podem ter mais em comum do que pensamos. Oscar Niemeyer disse: "A minha arquitetura é musical". Rochael Alcântara, 42 anos, aluno do quarto semestre de Composição e Regência, seguiu a idéia à risca e fez partituras com a forma dos monumentos do arquiteto. A idéia foi além das expectativas: "Ficou parecendo obra de gente grande, porque tem força e conteúdo", avalia Rochael.

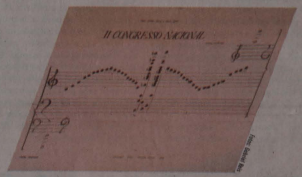
No dia 21 de abril as peças *Catedral*, *Congresso Nacional* e *Esplanada dos Ministérios* foram apresentadas em um concerto no auditório da Faculdade de Música. Depois disso, compôs *Memorial JK*, e as próximas peças serão sobre os palácios e os eixos da cidade. Quando estiverem terminadas, ele pretende lançar um livro com todas as composições reunidas, além de fotos de Brasília e de uma entrevista com Niemeyer.



"As peças são bonitas e leves, como Brasília" diz Rochael

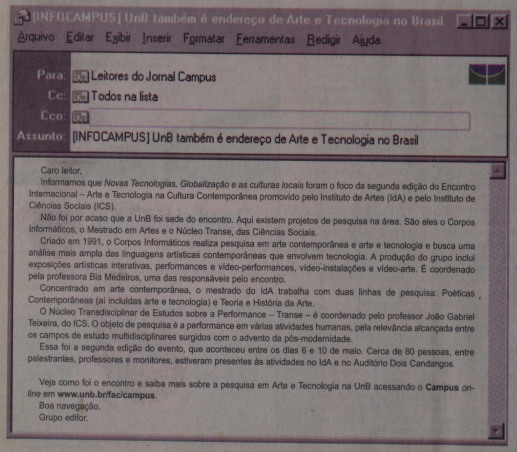
Todas as peças têm menos de um minuto de duração. "Eu quis fazer músicas com um efeito concentrado, como se fossem fotografias, e não que se estendessem, como filmes", explica Rochael. Alguns professores sugeriram que ele fizesse peças mais formais. "Não quero uma coisa formal, e sim, uma coisa que se pareça com Brasília. E as composições se parecem com a cidade porque são bonitas, leves."





Conrado Silva, ex-professor de Rochael, lembra que existem muitas formas de compor além das originadas no século XIX: "O resultado do trabalho dele foi muito bom, mesmo não seguindo os parâmetros tradicionais da música". Rochael convidou Simone Rezende, que cursa Licenciatura em Música, para interpretar as peças. Ela estranhou as composições no início, mas hoje é apaixonada por elas. "Todas as notas têm um significado", diz Simone.

Rochael ficou dividido durante a composição da peça que retrata o Congresso: "A minha mente queria fazer uma música repulsiva, porque é um lugar que causa uma certa repulsa. Mas o meu espírito queria fazer uma coisa bonita". O senso estético de Rochael falou mais alto quando ele percebeu que a causa de sua repulsa eram "as pessoas que estão lá dentro, e não as formas do prédio". "Mas como a gente não está feliz com o Congresso do jeito que está, a música também pode ser tocada de cabeça pra baixo", diz.



ARTIGO

Arte e tecnologia na contemporaneidade

Alice Stefânia*

É cada vez maior o número de propostas artísticas envolvendo tecnologias. Isso ocorre provavelmente por um desejo de proporcionar questionamento e posterior compreensão sobre a presença e influência dessas na "(in)formação" do indivíduo contemporâneo. Especialmente por que as novas tecnologias, para muitos, suscita um deslumbramento que, por vezes, inibe a faculdade crítica.

A imagem-luz em movimento, por exemplo, é o objeto nosso de "adoração" de cada dia. A imagem humana em mutação, se transformando, se reconstruindo, é, em nossa época, a maior referência médica, genética, estética. A fragmentação da imagem corporal produzida pela câmera/monitor (referência recorrente na Arte Contemporânea), remete a um corpo segmentado, penetrável, desvendável, e, ao mesmo tempo, modificado, transformado, mutante.

Essa metáfora visual do "corpo-sujeito" desejante de nosso tempo, vem revelar um ininterrupto processo de desterritorialização de desejos, provocado pelo manancial de mudanças e informações a que estamos todo o tempo expostos na atualidade. Tal manancial age sobre nós deixando-nos, por um lado, urgentes por descobrir novos espaços de possibilidade de prazer, e, por outro lado, apavorados com a possibilidade de mudança, já que, como bem observou a psicanalista Sueli Rolnik, nossos hábitos têm sido nos enraizarmos em um só território em cada campo de nossas vidas: afetivo, profissional e espiritual.

A arte contemporânea deseja e precisa presentear o público com propostas que proporcionem um relaxamento da rigidez com que se fixam territórios, oferecendo experiências sensíveis que gerem reflexões e mudanças de atitudes, justamente por partirem de abordagens relacionadas aos questionamentos, atitudes e vivências que compõem o mundo contemporâneo.

**Alice Stefânia é atriz e mestre em Artes pela UnB.*